

Ponto final

O Brasil e a Guerra Civil Espanhola

Imbuídos da missão de defender a Espanha do perigo nazi-fascista, cerca de 40 brasileiros se alistaram como voluntários nas Brigadas Internacionais. A maioria era oriunda do Exército e participou ativamente da fracassada tentativa de revolta comunista ocorrida em 1935. Mas o envolvimento do Brasil com o conflito civil espanhol foi muito além da participação desses cidadãos. A polarização ideológica alcançou amplos setores da sociedade brasileira despertando, em especial, a atenção dos que se identificavam com as propostas políticas em plena efervescência na Espanha.

Conceituados artistas e intelectuais como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira demonstraram, através de suas poesias, apoio incondicional à causa republicana. Outros segmentos manifestaram simpatias aos nacionalistas espanhóis. A Igreja Católica e a Ação Integralista Brasileira, em seus discursos, procuravam demonstrar que o conflito civil naquele país era causado pelos comunistas, associando quase sempre o que acontecia na Espanha com a situação política do Brasil.

O Estado de São Paulo abrigava um grande contingente de imigrantes espanhóis. Parte dessa comunidade, dividida pelas tensões regionalistas que não haviam sido abandonadas em território brasileiro, agora se cindia por outro motivo: as opiniões políticas e a defesa de um dos lados conflitantes na Espanha. Os vários centros republicanos espanhóis espalhados pelo Brasil criaram o *Comité Central de Propaganda de España Republicana*, responsável por aglutinar as atividades de arrecadação de fundos que foram enviados à Espanha. Tais atividades tiveram curta duração, uma vez que foram reprimidas pela Polícia Política que as considerava “subversivas”.

A diplomacia brasileira atuante na Espanha também sofreu as consequências do conflito. O embaixador brasileiro em Madri, Alcebíades Peçanha, foi ferido em um bombardeio e teve sua coleção particular de obras de arte confiscadas por grupos que defendiam a República. Pelo menos dois agentes consulares brasileiros se envolveram com atividades de espionagem a

favor dos nacionalistas espanhóis. A situação precária da população civil sensibilizou Carlos da Silveira Martins Ramos, encarregado de negócios do Brasil em Barcelona, que auxiliou com recursos próprios dezenas de crianças espanholas.

O governo de Getúlio Vargas, como resultado de sua política pan-americanista, praticou uma oficial neutralidade diante do conflito civil espanhol, mantendo relações diplomáticas com o governo republicano. No entanto, grande parte das elites políticas brasileiras não se furtou a demonstrar simpatias aos revoltosos. Efetivando uma política dúbia, Vargas conseguiu demover o chanceler brasileiro José Carlos de Macedo Soares de suas intenções de romper com a República, mas ao mesmo tempo auxiliou os rebeldes, enviando sacas de café para as regiões sob poder dos revoltosos. O General Franco agradeceu a doação, comprometendo-se prontamente a mantê-la sob sigilo.